

Janusz Korczak e a esperança perdida

Profa. Dra. Anita Novinsky – Assessora Especial

Apresentação feita no Curso "Janusz Korczak: Ontem-Hoje" no Centro Universitário Maria Antonia – CEUMA/USP Maio/2002

Eu gostaria antes de tudo, cumprimentar o Presidente da Associação Janusz Korczak do Brasil, Dr. Roberto Loeb e a organizadora deste curso, Dra. Rachel Gevertz, pelos esforços e empenho em divulgar a obra de Janusz Korczak, que, podemos dizer, foi um Educador do Mundo. E agradecer o convite que me fizeram para eu vir dizer-lhes algumas palavras na inauguração deste Curso. Quero sempre repetir que, se no Brasil existe uma Associação Janusz Korczak, como existe na França, Holanda, Polônia, Rússia, Inglaterra, Japão, Israel, etc., é graças à persistência de uma só pessoa, Rachel Gevertz, e a sua lealdade para com a criança. Rachel é a alma, promotora e tudo o que esta Associação realizou no Brasil e a incansável lutadora, para que nós brasileiros, nos conscientizemos, que o progresso e o desenvolvimento do Brasil depende de uma prioridade, a educação. Quero também acentuar que eu não sou pedagoga, nem psicóloga, apenas uma historiadora. E como historiadora e crítica de nossa cultura é que vou dirigir-lhes algumas palavras sobre Janusz Korczak, seu tempo, sua vida e seus ideais.

Foi muito difícil e doloroso para mim, preparar estas palavras. Primeiro porque eu nasci na Crakovia e eu poderia ser uma das crianças da Lista de Schindler. O destino ou Deus me privilegiou com a vida, e é por isso que eu posso falar em nome de um milhão e meio de crianças judias, que não tiveram a mesma sorte. Em segundo lugar, e foi penoso, como ser humano, de ler as atrocidades que foram cometidas pelos alemães e reler os limites a que chegou a bestialidade humana. Para isso é preciso ser forte e eu senti, muitas vezes, que não o era suficiente. Mas quando eu desanimava, vinham-me a mente as palavras de meu velho e saudoso mestre de filosofia desta Faculdade, João Cruz Costa, que durante as aulas costumava repetir, referindo-se aos horrores da guerra: "Vocês não têm o direito de não querer saber".

Sobre Educação, que é a temática deste Curso temos hoje no Brasil uma produção considerável, e podemos citar trabalhos que refletem um amadurecimento de nossa crítica pedagógica, como o livro de Helena Singer, o recente livro de Valdemar Setzer, que procura nos conscientizar sobre os perigos da tecnocracia para o futuro da humanidade.

Sobre Janusz Korczak há quatro aspectos aos quais desejo-me referir:

- 1º. O mundo em que viveu
- 2º. a sua personalidade
- 3º. As idéias que desenvolveu
- 4º. sua esperança perdida

Janusz Korczak nasceu na Polônia quando o anti-semitismo no leste europeu se expressava e massacres, que tiraram a vida de milhares de judeus. Pertencia a uma família de eruditos já bastante assimilada e como muitas famílias judias

bastante integradas à cultura polonesa, da qual Januís Korczak sofreu profunda influência.

Formou-se em Medicina no ano de 1905, na Universidade de Varsóvia, ano que ficou famoso na história judaica devido aos "programas" que os russos fizeram em Kichinev, considerado um dos mais sangrentos da história. Mas, desde que se formou em Medicina o interesse de Januís Korczak se voltou para a criança.

Atendeu em diversos hospitais, foi diretor de um orfanato onde trabalhava sem remuneração e ajudou a criar organizações de auxílio

as crianças vítimas de guerra. Criou um famoso Orfanato, recolhendo crianças abandonadas, da rua, filhos de prostitutas e órfãos. Essas crianças traziam consigo medos, ansiedade, desconfianças e um sistema de valores baseados na derrota. Estavam contagiados pelo ambiente sórdido de onde provinham. A criança de rua não conhecia a vida de família, não tinha rotina ou tradições relacionadas com festas e nunca soube o que era influência paterna, no dia a dia.

Januís Korczak procurou ensinar-lhes novos valores, e apesar de não provir de uma família judaica praticante, seguia com as crianças as tradições e festas judaicas. Korczak não era religioso mas achava que as crianças precisavam acreditar em Deus e rezar.

Korczak estudou com famosos cientistas em Berlim e aperfeiçoou seus estudos em Paris e Londres, sempre estagiando em hospitais.

Convivendo com crianças pobres e vendo seu sofrimento, sua consciência social foi despertada para uma luta, que se tornou também o "leit motiv" de sua vida: mudar o mundo. Mas compreendeu que, para isso, era necessário, antes de tudo, mudar a atitude dos adultos em relação à criança, mudar a educação. Korczak trouxe uma verdadeira revolução para a educação. Entendeu o mundo da criança", sua sensibilidade, seus sentimentos, suas reações. Penetrou fundo no âmago da alma da criança, vendo-a como um ser incompreendido e humano. Clamou em todos os momentos de sua vida sobre o direito e a dignidade da criança, mostrando que as escolas não respeitavam esses direitos e que todo sistema educacional contemporâneo devia ser mudado. Criou um modelo pessoal do que devia ser uma escola, que ainda é utópico nos dias de hoje. Mostrou que as crianças eram vítimas de um regime despótico e ignorante das necessidades mais essenciais da alma humana. Ensinou às crianças a se auto defenderem e a cooperação coletiva.

Korczak acreditava que as futuras esperanças da sociedade dependiam, não de aperfeiçoamento dos governos, mas do aperfeiçoamento do ser humano.

Além de médico, educador e psicólogo, Korczak foi também uma artista nato. Seu talento para a literatura manifestou-se muito cedo. Suas reflexões sobre a essência de todas as causas levaram um avó a chamá-lo quando criança, de "filósofo". Os problemas sociais o preocupavam desde o tempo de estudante, chegando a participar de atividades clandestinas da sua Universidade.

Os tempos de sua mocidade foram sombrios. Nas províncias polonesas do Império Russo as tensões sociais se agravaram, a miséria no campo se estendia até as cidades, o analfabetismo polonês chegava a 62% da população adulta. O regime opressivo e absolutista colocava todas as instituições sob o controle da

administração do Tzar. A língua polonesa foi suprimida do ensino, e a imprensa estava submetida à mais feroz censura. O jovem Korczak se aproximou dos círculos de esquerda democrática radical, onde atuava como jornalista, publicando, cada semana, sob diferentes pseudônimos, artigos diversos entrevistas e periódicos, sobre a miséria que grassava nos quarterões pobres da Varsóvia.

Korczak viveu nesses tempos de crise econômica, militar e social, uma época em que os particularismos eram cada vez mais rejeitados pelos movimentos nacionalistas e protecionistas endossados pela maioria do país.

Mas Korczak foi também um soldado. Lutou em 3 guerras.

.na guerra russo-japonesa

.na 1ª. grande guerra fazendo parte do exército russo

.na guerra Bolchevika – Polonesa em 1917 onde chegou a ser major do exército. Por razões políticas foi preso e na sua cela conviveu com o famoso sociólogo e ativista Ludovig Krzyviki.

Como escritor Januís Korczak foi prolífero. Publicou mais de 250 artigos, entre peças satíricas e humorísticas, livros sobre pediatria, educação, contos e histórias para crianças. Compreendeu que o rádio e a televisão que apenas se iniciavam, poderiam ser úteis para a educação. Mas infelizmente esse sonho fracassou e hoje é desastroso, porque, a criança segue o modelo oferecido pela cultura de massa, e o modelo que nossas televisões oferecem é o pior possível e responsável em grande parte pelo desequilíbrio de nossos jovens.

Historiadores, analistas políticos, psicólogos têm se detido em refletir sobre os erros e ilusões do século XX. E o principal erro certamente foi de que os princípios básicos pertencentes à educação., não foram compreendidos.

Após Auschwitz, Treblinka e Sobibor, temos de repensar o mundo e nossas responsabilidades para com as gerações futuras são enormes. Preparar o futuro deve priorizar a educação. Mas o que é educação? Certamente não é fornecer informações. O povo alemão era um povo alfabetizado e o mais culto da Europa e foi o responsável pela maior barbárie de toda história da humanidade. O mundo não está hoje ao abrigo de novas catástrofes. Nós vivemos na era planetária e todos nós, seres humanos, estamos embarcados numa mesma aventura. Todos seres humanos devem reconhecer-se nessa humanidade comum e na diversidade cultural, que está inserida em tudo que é humano. Educar é priorizar o universal, marcando ao mesmo tempo a condição humana.

Nós vivemos hoje também uma era de medo. Os acontecimentos que se desenvolveram nestes últimos meses levaram as nações a uma situação de incerteza. Medo de terrorismo, medo de destruição da espécie humana, medo das migrações, medo do desemprego, medo da crise econômica, medo da xenofobia racista, medo da globalização.

Passado meio século após a desastrosa e trágica experiência do nazismo, passada a ameaça da política hitlerista, passado Auschwitz, derrubado o muro de Berlim, presenciemos perplexos o ressurgimento da extrema direita fascista, em diversos países do Ocidente. É difícil crer que nos encontramos novamente frente a um verdadeiro movimento antisemita.

O filósofo francês Edgar Morin escreveu que o século XX foi marcado pela aliança de 2 sistemas bárbaros: a guerra e a racionalização. A guerra, nós a herdamos do início dos tempos, com seus fanatismos e intolerância. A racionalização esquece o indivíduo e anula tudo que nele é individual. Para ultrapassar essa idade bárbara é preciso que pensemos criticamente a sociedade. De nada adianta apelarmos a valores eternos nem ao direito das minorias perseguidas. Temos de procurar as razões da barbárie nos perseguidores, temos de conhecer os mecanismos que fazem os homens monstros. Esse principal mecanismo é a educação. A educação só tem sentido se for dirigida para a auto-reflexão crítica. Como psicólogos sabemos que os caracteres em geral se formam na primeira infância. Uma educação que queira evitar a reincidência da barbárie tem que concentrar-se na primeira infância. Freud mostrou-nos que a pressão civilizadora tornou-se insuportável. Há uma sensação de clausura da qual queremos sair. A sociedade do ponto de vista sociológico tem tendências desagregadoras, que tem aumentado. A pressão geral que sofrem os indivíduos tende a desintegrar o particular, o individual.

Um autor que escreveu um magnífico ensaio sobre a educação e priorizou a educação infantil principalmente a primeira infância, foi Theodor Adorno. Adorno aponta, como Korczak, alguns pontos nevrálgicos e enfatiza o prejudicial da conduta autoritária. Uma cultura repressiva produz a barbárie.

Sempre que o consciente estiver mutilado há tendência para a violência. A educação pela dureza está errada e muitos hoje ainda crêem nela. A concepção tradicional de que ser viril, ser forte, significa ter capacidade para agüentar a dor é um símbolo de masoquismo que se funde facilmente com o sadismo. Quando estimulamos as crianças a serem fortes estamos simplesmente tornando-as indiferentes a dor. Porque aquele que é duro contra sí mesmo adquire o direito de sê-lo contra os demais e se vinga da dor que teve de reprimir. A educação, segundo Adorno, não deve premiar a dor nem a capacidade de suportá-la. A educação também não deve suprimir o medo. Quando o medo não for reprimido, muito do efeito destrutivo desse medo inconsciente, desaparecerá. As tendências nazistas podem hoje ser observadas nos delinqüentes juvenis, chefes de quadrilhas, terroristas. Adorno os denomina de "conscient coisificado"; As pessoas dessa índole se equiparam de certa forma às coisas. E igualam os seres humanos a coisas. Os estudos que Adorno fez sobre a "personalidade autoritária" mostram como as pessoas com esse "consciente coisificado" tem obsessão por objetos. O que elas precisam é amar as cousas materiais. O mundo atual está afinado com a tecnologia e nossa atitude em relação à tecnologia é irracional e em grande parte, patológica e exagerada. Os meios são fetichizados e os indivíduos que tendem para a feticização da tecnologia são criaturas incapazes de amar. São pessoas essencialmente frias.

As pessoas hoje sentem-se mal amadas e têm incapacidade de se identificar com o "outro". A falta de amor é hoje de todos, sem exceção.

O cristianismo tentou eliminar a frieza que penetra em tudo. Mas a experiência fracassou. O calor humano, que tanto almejamos, nunca existiu até hoje, salvo por curtos períodos, em grupos restritos, talvez em alguns pacíficos selvagens. Mas

combater a frieza é combatê-la no contexto individual. Os pais não podem dar calor humano aos filhos porque eles mesmos foram criados em uma sociedade desumanizada. Quanto mais bem forem tratadas as crianças, quanto menos forem negadas na infância, mais chances elas terão na vida adulta.

O anti-individualismo, que dominou a pedagogia e que hoje ainda predomina, é reacionário e facistóide.

A Alemanha nazista inventou o crime contra a humanidade. Meio século depois de finda a II guerra mundial, as implicações morais, teológicas, filosóficas e políticas, antigos combatentes, sobreviventes.

Questões como a colaboração das massas, a responsabilidade dos aliados, o silêncio do mundo, chocam as sensibilidades dos nossos contemporâneos. Para nós, que não estivemos em Treblinka, é muito difícil compreender o Holocausto.

Hitler tirou a vida a 55 milhões de pessoas, das quais 20 milhões foram mortos em combate, 15 milhões eram civis desarmados e indefesos, mais de 500.000 ciganos homossexuais e deficientes físicos e mentais e 6 milhões de judeus, sendo um milhão e meio de crianças.

Nas últimas décadas nossos conhecimentos sobre a política nazi-fascista aumentaram, mas nossas tentativas para compreender o Holocausto falharam. Sem compreendê-lo, continuamos ameaçados, todos. Os campos de concentração seriam incocebíveis sem a tecnologia e a racionalidade. Os campos de concentração foram uma manifestação patológica da modernidade. Uma forma tecnológica da barbárie.

O Holocausto significou uma ruptura da civilização. Não podia ser previsto? Não sei. Mas foi intuído por alguns autores como Max Weber, Walter Benjamin, Franz Kafka. Este percebeu os perigos a que podia levar a modernidade e a racionalização. Kafka mostrou que as primeiras vítimas deviam ser os mais fracos. Os fracos tinham de ser exterminados mesmo sem ter feito mal algum. Qual foi o crime dos judeus, qual foi o crime de Janusz Korczak, qual foi o crime de suas crianças? Foi tão improvável como o personagem de Kafka, que sem ter cometido nenhum mal, foi preso certa manhã.

O que é preocupante no mundo de hoje é o fato de que a ideologia e o sistema que deram origem a essa barbárie, permanecem intactos.

Acontecimentos que estão ocorrendo no mundo mostram que os homens não se compenetraram das monstruosidades cometidas durante a II grande guerra. A barbárie que levou à morte um milhão e meio de crianças subsistirá enquanto as condições que produziram o nazismo persistirem. Desbarbarizar é a questão mais urgente da educação. Mas não podemos nos referir a Janusz Korczak sem lembrar o Holocausto.

O Holocausto, como escreveu Hannah Arendt teve um caráter único. Pela primeira vez, um regime político fixou o limite do direito à vida e decidiu quem devia e quem não devia habitar este planeta. O ideal maior do nazismo foi o anti-semitismo. O nazismo quis expulsar os judeus não só da Alemanha, mas de toda face da terra.

Revelam sua aflição, suas decepções com o mundo, seu abandono e sua fidelidade e amor a suas crianças.

As primeiras cartas que enviou para Israel revelavam sua revolta com as falsidades que foram acumuladas sobre a criança, mas também contêm esperanças. Escreve: "Se há um país onde a criança pode exprimir seus sonhos e temores, suas ambições e angústias é Eretz Israel, a Terra de Israel, que deve erguer um monumento ao órfão desconhecido".

Korczak sentiu que na Polônia, que considerava sua pátria não havia mais lugar para ele. E seu derradeiro sono foi poder viver seus últimos anos, livre em Israel e "sentir como diz saudades da Polônia".

Refere-se às injustiças inacreditáveis que estavam sendo cometidas contra os homens e crianças. "O mal predomina, tudo que é fino e delicado é indiscriminadamente destruído". Mas suas cartas também estão cheias de dúvidas. Como fervoroso polonês temia, caso emigrasse as dificuldades que teria de enfrentar, pois nem a língua hebraica conhecia, enquanto que na Polônia, as tradições e o povo lhe eram familiares. "Será que eu ainda poderei voltar a vida, nascer de novo? Não será muito tarde para eu ir para Israel? Mas, se eu tivesse ido antes me sentiria um desertor. Cada um de nós tem de permanecer em seu posto até o último momento". "Eu poderia terminar meus dias calmamente", escreve. "Mas isso é impossível. Aquele que come seu pão hoje precisa juntar todas as forças e não pode permanecer passivo num tempo em que a humanidade atravessa fase tão trágica, e tem de procurar um caminho, se não para as futuras gerações, pelo menos para a geração que está crescendo hoje". Nossa geração passou por experiências que falharam. As crenças, os valores caíram sob nossos olhos e o bem colapsou.

Depois de tudo que realizou, Janusz Korczak considerou-se, a si mesmo, um fracassado, porque "tudo que lhe tinha trazido alegria no passado despedaçou-se, tudo que parecia nobre tornou-se duvidoso e vergonha. E tudo que fazia lhe parecia tão pouco e sem importância".

"Eu quis defender os direitos da criança, mas única coisa que posso fazer hoje é uma oração ou pedir uma bênção para que a criança possa ser apoiada em seus passos tão inseguros." "E onde há um lugar mais adequado para reunir os abandonados, para dirigi-los e defendê-los, a esses pequeninos e frágeis, senão Eretz Israel?" "Por isso escrevo, é que estou ansioso".

Apesar de alquebrado pelo sofrimento e pelas privações Janusz Korczak não queria ser visto como um velho homem, amargo e triste e um perdido. Em 1937, escreveu, que estava fazendo todas as tentativas para chegar a Israel. Gostaria de acreditar que suas forças não lhe faltariam que poderia chegar lá um dia. Em 1937 Korczak previu como um verdadeiro profeta, que as coisas iam piorar. "O mal ainda não chegou a seu furado". Mais alguns 5, talvez 10 e a tempestade, os ventos, o dilúvio desabarão e então o mundo vai ter uma nova ordem".

Janusz Korczak sentia que os judeus estavam abandonados. "Cada um de nós, diz em suas caras, está sozinho, mas vocês em Eretz Israel estão juntos. Nós judeus aqui na Europa representamos túmulos e pedras, vocês representam o berço e

vossas crianças têm o olhar inteligente e vivo. "Algumas vezes penso que meu coração está forte e ouço uma severa acusação: você não pode deixar o mundo de jeito que ele está. Às vezes penso que, escrevendo eu encontrarei as palavras mágicas que poderão erguer um abrigo para uma humanidade que está desabrigada".

Em 1938 um anos antes da eclosão da guerra. Korczak ainda sonha ir para Israel, mas não tem dinheiro. "Eu não queria esperar", diz "até o outono". "Às vezes o perto parece muito longe e quando temos 60 anos esperar não é muito agradável". "Cada vez que chega uma notícia de Israel, tem tremenda importância para mim" "Jerusalém representa a vida individual e a missão, o direito à existência. Jerusalém é o mundo do espírito". "Estas reflexões me acompanharão no meu último caminho". Apesar de suas esperanças voltarem-se para Israel, Janusz Korczak nunca se desligou de sua Polônia natal, nunca renunciou a ela, mesmo quando sua pátria não soube protegê-lo, porque ele era judeu.

O destino não quis que o sonho de Korczak se realizasse. Em 2 de setembro de 1939 saiu de Israel uma carta oficial, convidando Janusz Korczak para se estabelecer em Israel. Mas a guerra irrompeu, a Polônia foi invadida, e os correios com a Polônia foram irremediavelmente interrompidos e Korczak nunca recebeu essa carta.

O desastre que se abateu sobre o mundo no século XX mostrou que de nada vale a cultura, os conhecimentos, o progresso técnico, se a cultura for desumanizada. Quem foi que apoiou Hitler? E aqui temos de constatar um fato ameaçador a todos nós acadêmicos e intelectuais: a primeira grande vitória de Hitler foi o Campo Universitário. Foi a classe média, culta, profissional, a primeira que aderiu ao anti-semitismo institucional e não aqueles alemães que tinham apenas educação primária. E é por isso que eu quero terminar com as palavras de um aluno que escreve a um professor.

Janusz Korczak nasceu na Polônia quando o anti-semitismo no leste europeu se expressava em massacres, que tiraram a vida de milhares de judeus. Pertencia a uma família de eruditos já bastantes assimilada e como muitas famílias judias bastante integradas à cultura polonesa, da qual Janusz Korczak sofreu profunda influência.

Formou-se em Medicina no ano de 1903, na Universidade de Varsóvia, ano que ficou famoso na história judaica devido aos "progroms" que os russos fizeram em Kichinev, considerado um dos mais sangrentos da história. Mas, desde que se formou em Medicina o interesse de Janusz Korczak se voltou para a criança.

Atendeu em diversos hospitais, foi diretor de um orfanato onde trabalhava sem remuneração e ajudou a criar organizações de auxílio às crianças vítimas de guerra. Criou um famoso Orfanato, recolhendo crianças abandonadas, da rua, filhos de prostitutas e órfãos. Essas crianças traziam consigo medos, ansiedade, desconfianças um sistema de valores baseados na derrota. Estavam contagiados pelo ambiente sórdido de onde provinham. A criança de rua não conhecia a vida

de família, não tinha rotina ou tradições relacionadas com festas e nunca soube o que era a influência paterna, no dia a dia.

Janusz Korczak procurou ensinar-lhes novos valores, e apesar de não provir de uma família judaica praticamente, seguia com as crianças as tradições e festas judaicas. Korczak não era religioso mas achava que as crianças precisavam acreditar em Deus e rezar.

Korczak estudou com famosos cientistas em Berlim e aperfeiçoou seus estudos em Paris e Londres, sempre estagiando em hospitais.

Convivendo com crianças pobres e vendo seu sofrimento, sua consciência social foi despertada para uma luta, que se tornou também o "leit motiv" de sua vida: mudar o mundo. Mas compreendeu que, para isso, era necessário, antes de tudo, mudar a atitude dos adultos em relação à criança mudar a educação. Korczak trouxe uma verdadeira revolução para a educação. Entendeu o "mundo da criança", sua sensibilidade, seus sentimentos, suas reações. Penetrou fundo no âmago da alma da criança, vendo-a como um ser incompreendido e humano. Clamou em todos os momentos de sua vida sobre o direito e a dignidade da criança, mostrando que as escolas não respeitavam esses direitos e que todo sistema educacional contemporâneo devia ser mudado. Criou um modelo pessoal do que devia ser uma escola, que ainda é utopia nos dias de hoje. Mostrou que as crianças eram vítimas de um regime despótico e ignorante das necessidades mais essenciais da alma humana. Ensinou às crianças a se auto defenderem e a cooperação coletiva.

Korczak acreditava que as futuras esperanças da sociedade dependiam, não de aperfeiçoamento dos governos, mas do aperfeiçoamento do ser humano.

Além de médico, educador e psicólogo, Korczak foi também um artista nato. Seu talento para a literatura manifestou-se muito cedo. Suas reflexões sobre a essência de todas as coisas levaram sua avó a chamá-lo quando criança, de "filósofo". Os problemas sociais o preocupavam desde o tempo de estudante, chegando a participar de atividades clandestinas e sua Universidade.

Os tempos de sua mocidade foram sombrios. Nas províncias polonesas do Império Russo as tensões sociais se agravaram, a miséria no campo se estendia até as cidades, o analfabetismo polonês chegava a 62% da população adulta. O regime opressivo e absolutista colocava todas as instituições sob o controle da administração da Tzar. A língua polonesa foi suprimida do ensino, e a imprensa estava submetida à mais feroz censura. O jovem Korczak se aproximou dos círculos de esquerda democrática radical, onde atuava como jornalista, publicando, cada semana, sob diferentes pseudônimos, artigos diversos em revistas e periódicos, sobre a miséria que grassava nos quarterões pobres da Varsóvia.

Korczak viveu nesses tempos de crise econômica, militar e social, uma época em que os particularismos eram cada vez mais rejeitados pelos movimentos nacionalistas e protecionistas endossados pela maioria do país.

Mas Korczak foi também um soldado. Lutou em 3 guerras.

.na guerra russo-japonesa

.na 1ª. Grande guerra fazendo parte do exército russo

.na guerra Bolcevíka – Polonesa em 1917 onde chegou a ser major do exército. Por razões políticas foi preso e na cela conviveu com o famoso sociólogo e ativista Ludovig Krzyvíki.

Como escritor Janusz Korczakk foi prolífero. Publicou mais de 250 artigos , entre peças satíricas e humorísticas, livros sobre pediatria, educação, contos e histórias para crianças. Compreendeu que o rádio e a televisão que apenas se iniciavam, poderiam ser úteis para a educação. Mas infelizmente esse sonho fracassou e hoje é desastroso, porque, a crianças segue o modelo oferecido pela cultura de massa, e o modelo que nossas televisões oferecem é o pior possível e responsável em grande parte pelo desequilíbrio de novos jovens.

Historiadores, analistas políticos, psicólogos têm se detido em refletir sobre os erros e ilusões do século XX. E o principal erro certamente foi de que os principais básicos pertencentes à educação, não foram compreendidos.

Após Auschwitz, Trebuja e Sabidor, temos de repensar o mundo e nossas responsabilidades para com as gerações futuras são enormes. Preparar o futuro deve priorizar a educação. Mas o que é educação?

Certamente não é fornecer informações. O povo alemão era um povo alfabetizado e o mais culto da Europa e foi o responsável pela maior barbárie de toda história da humanidade. O mundo não está hoje ao abrigo de novas catástrofes. Nós vivemos na era planetária e todos nós, seres humanos, estamos embarcados numa mesma aventura. Todos seres humanos deve reconhecer-se nessa humanidade comum e na diversidade cultural, que está inserida em tudo que é humano. Educar é priorizar o universal, marcando ao mesmo tempo a condição humana.

Nós vivemos hoje também uma era de medo. Os acontecimentos que se desenvolveram nestes últimos meses levaram as nações a uma situação de incerteza. Medo de terrorismo, medo de destruição da espécie humana, medo das migrações, medo do desemprego, medo da crise econômica, medo da xenofobia racista, medo da globalização.

Passado meio século após a desastrosa e trágica experiência do nazismo, passada a ameaça da política hitlerista, passado Auschwitz, derrubado o muro de Berlim, presenciamos perplexos o ressurgimento da extrema direita fascista, em diversos países do Ocidente. É difícil crer que nos encontramos novamente frete a um verdadeiro movimento antisemita.

O filósofo francês Edgar Morin escreveu que o século XX foi marcado pela aliança de 2 sistemas bárbaros: a guerra e a racionalização. A guerra, nós a herdamos do início dos tempos, com seus fanatismos e intolerância. A racionalização esquece o indivíduo e anula tudo que nele é individual. Para ultrapassar essa idade bárbara é preciso que pensemos criticamente a sociedade. De nada adianta apelarmos a valores eternos nem ao direito das minorias perseguidas. Temos de procurar as razões da barbárie nos perseguidores, temos de conhecer os mecanismos que fazem os homens monstros. Esse principal mecanismo é a educação. A educação só tem sentido se for dirigida para a auto-reflexão crítica. Como psicólogos sabemos que os caracteres em geral se formam na primeira infância. Uma educação que

queira evitar a reincidência da barbárie tem que concentrar-se na primeira infância.

Freud mostrou-nos que a pressão civilizadora tornou-se insuportável. Há uma sensação de clausura da qual queremos sair. A sociedade do ponto de vista sociológico tem tendências desagregadoras, que tem aumentado. A pressão geral que sofrem os indivíduos tende a desintegrar o particular, o individual.

Um autor que escreveu um magnífico ensaio sobre a educação e priorizou a educação infantil, principalmente a primeira infância, foi Theodor Adorno. Adorno aponta, como Korczak, alguns pontos nevrálgicos e enfatiza o prejudicial da conduta autoritária. Uma cultura repressiva produz a barbárie.

Sempre que o consciente estiver multilado há tendência para a violência. A educação pela dureza está errada e muitos hoje ainda crêem nela. A concepção tradicional de que ser viril, ser forte, significa ter capacidade para agüentar a dor é um símbolo de masoquismo que se funde facilmente com o sadismo. Quando estimulamos as crianças a serem fortes estamos simplesmente tornando-as indiferentes a dor. Porque aquele que é duro contra si mesmo adquire o direito de sê-lo contra os demais e se vinga da dor que teve de reprimir. A educação, segundo Adorno, não deve premiar a dor nem a capacidade de suportá-la. A educação também não deve suprimir o medo. Quando o medo não for reprimido, muito do efeito destrutivo desse medo inconsciente, desaparecerá. As tendências nazistas podem hoje ser observadas nos delinqüentes juvenis, chefes de quadrilhas, terroristas. Adorno os denomina de "consciente coisificado". As pessoas dessa índole se equiparam de certa forma às coisas. E igualam os seres humanos a coisas.

Os estudos que Adorno fez sobre "personalidade autoritária" mostram como as pessoas com esse "consciente coisificado" tem obsessão por objetos. O que elas precisam é amar as coisas materiais.

O mundo atual está afinado com a tecnologia e nossa atitude em relação à tecnologia é irracional e em grande parte, patológica e exagerada. Os meios são fetichizados e os indivíduos que tendem para a fetichização da tecnologia são criaturas incapazes de amar.

São pessoas essencialmente frias.

As pessoas hoje sentem-se mal amadas e têm incapacidade de se identificar com o "outro". A falta de amor é hoje de todos, sem exceção.

O cristianismo tentou eliminar a frieza que penetra em tudo. Mas a experiência fracassou. O calor humano, que tanto almejamos, nunca existiu até hoje, salvo por curtos períodos, em grupos restritos, talvez em alguns pacíficos selvagens. Mas combater a frieza é combatê-la no contexto individual. Os pais não podem dar calor humano aos filhos porque eles mesmos foram criados em uma sociedade desumanizada. Quanto mais bem forem tratadas as crianças, quanto menos forem negadas na infância, mais chances elas terão na vida adulta.

O anti-individualismo, que dominou a pedagogia e que hoje ainda predomina, é reacionário e facistóide.

A Alemanha nazista inventou o crime contra a humanidade. Meio século depois de finda a II guerra mundial. As implicações morais, teológicas, filosóficas e políticas do nazismo ainda inquietam historiadores, analistas políticos, antigos combatentes, sobreviventes.

Questões como a colaboração das massas, a responsabilidade dos aliados, o silêncio do mundo, chocam as sensibilidades dos nossos contemporâneos. Para nós, que não estivemos em Treblinka, é muito

Difícil compreender o Holocausto.

Hitler tirou a vida de 55 milhões de pessoas, das quais 20 milhões foram mortos em combate, 15 milhões eram civis desarmados e indefesos, mais de 500.000 ciganos homossexuais e deficientes físicos e mentais e 6 milhões de judeus, sendo um milhão e meio de crianças.

Nas últimas décadas nossos conhecimentos sobre a política nazi-fascista aumentaram, mas nossas tentativas para compreender o Holocausto falharam. Sem compreendê-lo, continuamos ameaçados, todos. Os campos de concentração foram uma manifestação patológica da modernidade. Uma forma tecnológica da barbárie.

O Holocausto significou uma ruptura da civilização. Não podia ser previsto? Não sei. Mas foi intuído por alguns autores como Max Weber, Walter Benjamin Franz Kafka. Este percebeu os perigos a que podia levar a modernidade e a racionalização. Kafka mostrou que as primeiras vítimas deviam ser os mais fracos. Os fracos tinham de ser exterminados mesmo sem ter feito mal algum. Qual foi o crime dos judeus, qual foi o crime de Janusz Korczak, qual foi o crime de suas crianças? Foi tão improvável como o personagem de Kafka, que sem ter cometido nenhum mal, foi preso certa manhã.

O que é preocupante no mundo de hoje é o fato de que a ideologia e o sistema que deram origem a essa barbárie, permanecem intactos. Acontecimentos que estão ocorrendo no mundo mostram que os homens não se compenetraram das monstruosidades cometidas durante a II grande guerra. A barbárie que levou à morte um milhão e meio de crianças subsistirá enquanto as condições que produziram o nazismo persistirem. Desbarbarizar é a questão mais urgente da educação. Mas não podemos nos referir a Janusz Korczak se lembrar o Holocausto. O Holocausto, como escreveu Hannah Arendt teve um caráter único. Pela primeira vez, um regime político ficou o limite do direito é decidiu quem devia e quem devia e quem não devia habitar este planeta. O ideal maior do nazismo foi o anti-semitismo. O nazismo quis expulsar os judeus não só da Alemanha, mas de todo face da terra. O símbolo de Auschwitz é a chave para a compreensão deste mundo do qual queremos sair. Foi o protótipo do crime político do século XX. Mas, o que também preocupa hoje um fenômeno, que depois de meio século de Auschwitz tornou-se um verdadeiro movimento, o revisionismo ou negacionismo, que através de um "novo discurso" nos mostra que o horror não parou em Auschwitz. Esse revisionismo radical tornou-se um dos principais componentes da temática dos grupos de extrema direita.

Sobre Januís Korczak, escreveu-se muitos livros, poesias, novelas; fez-se filmes, vídeos; sua vida inspirou pintores, escultores, ergueram-se monumentos em Israel e planeja-se construir em Varsóvia, onde funciona a Associação Internacional Janusz Korczak. No ano do centenário de seu nascimento a Unesco declarou o ano de 1978 "o ano Korczak". Suas idéias humanas tornaram-se herança para toda humanidade.

Mas existiu Treblinka. Treblinka, para onde Korczak foi enviado com as crianças do seu orfanato, foi um dos primeiros campos de morte. Em Treblinka só se produziu morte. Cem mil pessoas eram conduzidas anualmente para Treblinka. A expectativa máxima de vida não passava de dois meses.

As crianças do orfanato de Korczak, antes de serem transferidas para Treblinka foram confinadas em guetos, onde passaram fome e frio.

Mas Korczak as alentou até o fim, dando-lhes esperanças, representando peças de teatro onde a beleza e alegria voltaram a reinar. Na véspera de partir para o campo da morte fez representar uma peça de Rabindranat Tagore, cheia de promessas e esperanças de uma vida melhor. Preparou suas crianças para morrer dignamente, num lugar que seriam mortos com animais. Abraçou-as e optou morrer com eles, para que não tivessem medo.

Apesar de se escrever tanto sobre Korczak, existem ainda alguns ângulos de sua vida que não conhecemos e que estão contidos em algumas cartas, raramente mencionadas que escreveu nos últimos anos, São cartas enviadas para Israel que ele chamava de Eretz Israel entre os anos 1932 e 1939 para um tal Yzek, que eu não identifiquei ainda mas talvez Korczak o tenha conhecido nas duas visitas que fez a Israel.

Essas cartas foram publicadas em Tel Aviv em 1977 e eu pretendo traduzi-las e publicá-las no Brasil. Constituem um extraordinário testemunho da época e através delas podemos reconstituir a visão do mundo de Janusz Korczak e a imagem daqueles dias sombrios.

"Caro professor"

Eu sou um sobrevivente de um campo de concentração. Meus olhos viram o que nenhum ser humano deveria testemunhar.

.Câmara de gás construídas por engenheiros ilustres

.Crianças envenenadas por médicos altamente especializados

.Recém-nascidos mortos por enfermeiras diplomadas

.Mulheres e bebês assassinados e queimados por gente formada em ginásio, colégio e Universidade.

Por isso, caro professor eu duvido da educação.

E eu lhe formulo um pedido:

Ajude seus estudantes a se tornarem humanos. Seu esforço, professor, nunca deve produzir monstros eruditos e cultos, psicopatas e Eichmans educados.

Ler e escrever aritmética são importantes somente se servirem a tornar nossas crianças seres mais humanos.

Este foi o legado que Janusz Korczak nos deixou.